

# LEITURA PROVOCADA: O ATO DE LER APLICADO À ESTRATÉGIA EMPÍRICA DE UMA PESQUISA COM CAMPONESES E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

PROVOKED READING: THE ACT  
OF READING APPLIED TO THE  
EMPIRICAL STRATEGY OF RESEARCH  
WITH PEASANTS AND THEIR SOCIAL  
REPRESENTATIONS

**Ismael Lopes Mendonça**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-3806-9305>

Doutorado em Ciência da Informação  
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: [ismaelmendonca@gmail.com](mailto:ismaelmendonca@gmail.com)

**Ligia Maria Moreira Dumont**

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5047-1415>

Doutorado em Ciência da Informação  
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: [dumont@eci.ufmg.br](mailto:dumont@eci.ufmg.br)

**RESUMO:** Origina-se de uma pesquisa de tese que estudou a interação, por via da leitura, de um grupo de pessoas camponesas com as representações sociais sobre o Semiárido cearense e seus sujeitos produzidas por um jornal regional. Objetiva refletir como a leitura serviu de estratégia para a experiência empírica da pesquisa, justificando a sua relevância no estudo. Localiza a leitura nas práticas e técnicas mobilizadas para a coleta de dados da pesquisa, cuja natureza é qualitativa e exploratória, nominando-a como leitura metodologicamente provocada ou, em síntese, leitura provocada. Apresenta subsídios que embasam a leitura como estratégia da pesquisa centrada em práticas contextualmente ancoradas, descrevendo e analisando como essa foi operacionalizada e o que demandou em termos de recortes. Considera finalmente os aprendizados da pesquisa, seus resultados preliminares e o modo como a estratégia da leitura provocada possibilitou apreendê-los, bem como a sua inserção na área da Ciência da Informação, junto à condução de estudos focados em sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** apropriação da informação; pesquisa qualitativa – Ciência da Informação; promoção da leitura; protagonismo leitor; Teoria das Representações Sociais.

**ABSTRACT:** It originates from a thesis research that studied the interaction, through reading, of a group of peasant people with social representations about the Semiarid region of Ceará, Brazil, and its subjects produced by a regional newspaper. It aims to reflect how reading served as a strategy for the empirical research experience, justifying its relevance in the study. It locates reading in the practices and techniques mobilized for the collection of research data, whose nature is qualitative and exploratory, naming it methodologically provoked reading or, in short, provoked reading. It presents subsidies that underlie reading as a research strategy centered on contextually anchored practices, describing and analyzing how this was operationalized and what it demanded in terms of cuts. Finally, it considers the learnings of the research, its preliminary results and the way in which the strategy of provoked reading made it possible to apprehend them, as well as its insertion in the area of Information Science, together with the conduction of studies focused on subjects.

**KEYWORDS:** information appropriation; qualitative research – Information Science; reading promotion; reader protagonism; Theory of Social Representations.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo provém de uma pesquisa de doutorado que estudou a maneira como um grupo de camponeses predominantemente situados em Independência, município localizado na região do *Sertão dos Crateús*, interior do Ceará, interagiu por via da leitura com exemplares de uma produção jornalística chamada *cadernos especiais*. Editados pelo periódico fortalezense O Povo entre 1998 e 2020, a partir dos esforços do Núcleo de Jornalismo Investigativo pertencente a esse veículo de comunicação, os cadernos especiais resultavam das intenções e operações de sua editoria em informar com profundidade sobre lugares e pessoas do Semiárido cearense, visando constituir vínculos sociais com os habitantes desse território e com o público leitor do jornal, cuja maioria tem sido composta por moradores de Fortaleza, capital do Ceará.

Baseada na proposta de que a informação possui natureza simbólica enredada a contextos em que o poder circula de modo irregular (Martins, 2015; Perdigão, 2021; Thompson, 2011) – e que tal fenômeno acontece subsidiado por representações sociais que tanto favorecem laços de familiaridade e alteridade, como revelam estranhamentos e discriminações oriundas de diferenças culturais e dinâmicas de poder (Jodelet, 2005, 2009; Moscovici, 2015), a tese teve como principal objetivo compreender e interpretar a leitura dos referidos camponeses com os cadernos selecionados à pesquisa, realçando as negociações de sentido e reconhecimento dos sujeitos com os materiais lidos. Isso porque, apesar dos investimentos do jornal na produção desse tipo de informação especializada – classificada como *grande reportagem* ou *reportagem etnográfica* (Girardi Júnior, 2000) –, tornando-a recorrente e acumulando com ela prestígio nos círculos da imprensa nacional, a logística da distribuição em favor do acesso de sujeitos moradores das zonas rurais do Ceará – personagens das matérias – sempre aconteceu aquém da estrutura da produção, contribuindo em certa medida com o privilégio historicamente dado aos centros

urbanos, ainda que o universo semiárido fosse tratado com ética nas reportagens.

Para conduzir o estudo, montou-se uma estratégia metodológica cujos fundamentos estão no ato de ler visto como significação de ordem cultural e na Teoria das Representações Sociais – estratégia essa sintetizada neste artigo. Dito isso, tem-se que o objetivo do presente artigo é refletir como a leitura serviu ao planejamento e execução da experiência empírica da tese, cuja natureza é qualitativa e exploratória, justificando a sua relevância perante as particularidades do estudo. Logo, não se pretende aqui enveredar pela discussão da problemática da tese nem divulgar descobertas; o que se deseja é localizar a leitura junto às técnicas e ferramentas de coleta de dados aplicadas aos camponeses pesquisados, relatando como se deu a pragmática em campo e o que essa propiciou conhecer em termos de pesquisa qualitativa envolvendo sujeitos inseridos em contextos de dominação simbólica.

Como mencionado, entende-se o ato de ler como uma ação participante dos meandros representacionais da cultura, isto é, como uma **ação produtora de sentidos** que permite aos sujeitos assumirem posições ante um mundo mediado e desigual (Certeau, 2014; Chartier, 1991; 2001; 2003; Dumont, 2020; Freire, 1983). Nessa perspectiva, a leitura – caracterizada aqui como *estratégia metodologicamente provocada* ou, em síntese, *leitura provocada* – tanto se adequou às reflexões teóricas da tese, como ventilou oportunidades para que o grupo de camponeses, ao ter contato com a amostra dos cadernos especiais, interagisse com essa de maneira frutiva, ressaltando a dialética em torno das apropriações e representações sociais – tanto as objetivadas pela editoria, como as articuladas pelos leitores. Com a finalização da pesquisa, constatou-se que a leitura provocada permitiu conhecer não apenas se os camponeses se identificavam com os cadernos, como também quais outros sentidos foram apreendidos por eles, evidenciando análises, críticas e demais julgamentos mobilizados por cada participante e direcionados aos cadernos, a si próprios, ao outro e ao meio onde vivem. Isso reforça o pressuposto do ato de ler como – e a serviço da – apropriação informacional; como relação significativa que acontece subsidiada por contextos, sugerindo aos indivíduos a existência de ordenações

que, apesar de os afetarem nas seleções de sentido pela leitura, não os controlam.

Salienta-se ainda que este artigo também deriva do trabalho intitulado *Leitura como estratégia metodológica em um estudo de representações sociais* (Mendonça; Dumont, 2023), apresentado na 23ª edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XXIII ENANCIB) e publicado nos Anais desse evento. Em relação a esse trabalho, o artigo contribui com a atualização de **tópicos** que, na época da submissão ao XXIII ENANCIB, por a tese estar em desenvolvimento, foi dado tratamento preliminar ao conteúdo, excluindo informações, hoje, percebidas como relevantes. Dessa forma, o artigo comunica novidades em relação à primeira versão, como o acréscimo das abordagens de Dumont (2020) e Jodelet (2009) nos fundamentos da leitura provocada, uma vez que se mostraram necessárias a se pensar sobre o aspecto da subjetividade leitora e representacional; dados sobre o periódico O Povo, sobre a editoria e sobre os cadernos especiais, como a indicação das principais representações sociais materializadas pela equipe do jornal nesses objetos; um quadro que resume o perfil dos camponeses recrutados ao grupo leitor; e uma melhor exposição dos resultados parciais da pesquisa. Nas considerações finais, continuam apontados os aprendizados gerados pela investigação densa, sugerindo a importância das ações metodológicas na condução de estudos envolvendo sujeitos protagonistas nas relações com a leitura e com a informação, a exemplo da tese.

## 2 FUNDAMENTOS DA LEITURA PROVOCADA

Conforme a introdução, a leitura provocada, nos moldes como é referida aqui, nasceu da necessidade de sistematizar meios que favorecessem a coleta de dados para compor as análises da tese, contribuindo com sua exequibilidade e validade enquanto pesquisa qualitativa (Minayo, 2012). Trata-se de uma ação metodológica contextualmente subsidiada, que buscou promover uma interação significativa ao estudo sem manipular os sujeitos leitores que, no caso, são as pessoas camponesas recrutadas para compor o grupo que interagiu com os cadernos especiais de O

Povo. Portanto, pelo menos neste momento, não se tem a pretensão de defender a leitura provocada como um método específico, mas de refleti-la como estratégia desenvolvida em prol do cumprimento da pesquisa de tese, dentro das condições da empiria, ainda que o desafio da estruturação em forma de método possa ser aceito e conduzido futuramente.

Construído de maneira interdisciplinar entre a definição hermenêutica de informação (Capurro, 2006), a concepção ordenadora e estrutural de cultura (Geertz, 2015; Thompson, 2011), a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 2015) e a compreensão de leitura como um processo contextualmente significativa (Chartier, 1991, 2001, 2003), o aporte teórico da tese permite considerar a não neutralidade das relações humanas, que acontecem inscritas em sistemáticas de poder, assim como a possibilidade e concretude das reinvenções cotidianas, ocasionadas pelo protagonismo de sujeitos comuns nos arranjos sociais (Certeau, 2014; Jodelet, 2009; Jovchelovitch, 2008; Wagner, 2020). Com isso, os cadernos de O Povo pesquisados podem ser entendidos como materialidades que indiciam ancoragens e objetivações geradas pela perspectiva de sua editoria, a reproduzir representações impregnadas de condicionamentos acerca do modo de pensar e informar sobre o Semiárido cearense e seus sujeitos, que eram mediados nesses materiais segundo o pragmatismo do jornal e sua visão de mundo.

Tem-se, então, uma produção que, não apartada dos processos e lógicas de criação e circulação informacional compartilhados em O Povo, disseminava as características dessa estrutura de poder, mesmo que de modo parcial, tendo em vista as intervenções da recepção. Tal dimensão crítica das representações também foi levada em consideração na fundamentação e operacionalização da leitura provocada, conduzida para evidenciar os aspectos contestatório e de negociação de reconhecimento próprios da ação leitora, fenômeno significativo.

Epistemologicamente, essa compreensão de leitura ganhou espaço pelos chamados *teóricos da Escola de Constança* (Lima, 1979), na década de 1960, notadamente por intermédio de Jauss (1979) e Iser (1979). Esses pensadores possuem o

mérito de deslocar a centralidade historicamente reservada à estética da produção literária e à figura superestimada do autor, para abordar os estudos literários pelo viés da interação do leitor com o texto, em fruição hermenêutica. Desse modo, passou-se a responsabilizar o leitor pelas significações com as quais os textos podem ser definidos – uma ação, porém, ainda circunscrita ao domínio da erudição e da abstração, porque a leitura legitimada pelos teóricos de Constança era aquela praticada com o rigor da crítica literária, que se mostra distante das práticas cotidianas que importam à pesquisa. Tendo em vista a complexidade das relações sociais, além da necessidade de chegar ao leitor comum sem estigmatizar a sua leitura, optou-se por trabalhar com estudiosos que dialogassem com a complexidade e com a dimensão encarnada da ação leitora, tal como Freire (1983), Chartier (1991, 2001, 2003), Certeau (2014) e Dumont (2020), cujas abordagens contemplam a força social da leitura e a sua pluralidade fenomenológica e cultural.

Freire (1983), educador, concebe a leitura como uma ação crítica, formativa e libertária, que não se limita à decodificação do alfabeto, mas acontece impregnada das experiências culturais da pessoa leitora, de suas memórias, afetos e conflitos. Esse autor prioriza o que intitula de *leitura do mundo* (Freire, 1983), que diz respeito a como as vivências humanas interferem na maneira como as coisas são interpretadas, incluindo os textos. Para Freire (1983), a leitura do mundo é um aprendizado experienciado pelo sujeito junto às relações dialéticas do seu dia a dia, sendo por meio da apreensão da leitura do mundo que as palavras são significadas. Por consequência, a interação com as construções simbólicas codificadas nos textos não se dá de forma isenta nem imposta, mas negociada pelos sujeitos que reconhecem nesse ato um modo de demarcar o seu lugar social e de enfrentar as situações diversas da dominação.

Chartier (1991, 2001, 2003), historiador da cultura escrita, ao refletir sobre a materialidade dos textos e sobre a experiência social dos movimentos de leitura, também subsidia a noção da leitura provocada. Para o autor, a leitura se dá de forma vinculada a uma dimensão sócio-histórica, portanto, material e simbólica,

em que os textos não são entendidos como abstrações linguísticas, mas como uma forma esteticamente planejada e executada nos processos editoriais com o intuito de gerar *leituras implícitas*, ou seja, moduladas pelo editor (Chartier, 2001). Por sua vez, os sentidos objetivados no texto são negociados pelo leitor que, imbuído da experiência social, interage com a trama textual, colocando-se no jogo da produção de sentido e inserindo-se “num espaço [simbolicamente demarcado], [em uma] relação consigo ou com o outro” (Chartier, 1991, p. 181), que diz respeito à apropriação informacional.

Essa apropriação, como definida por Chartier (2001, 2003), não se assemelha ao ato de assimilar pacificamente informações mediadas, mas de interagir e interferir, pela leitura, nos sentidos materializados editorialmente no texto – uma ação que resulta de um processo análogo ao da transgressão, da postura de desacato perante autoridades culturais representadas no e pelo texto. Nesses termos, conforme Chartier (2003, p. 153), a apropriação ocorre como fenômeno articulado pelo sujeito que é capaz de corromper e desarticular a “dominação simbólica” objetivada no texto, porque diz respeito aos “empregos, usos, maneiras de fazer seu o que é imposto [ao leitor]”. Nisso, faz-se “algo com o que se recebe” (Chartier, 2001, p. 116), apreendendo sentidos ou informações de maneira não simplesmente obediente, mas ancorada segundo interesses e motivações do leitor, que, por sua vez, age em diálogo com o contexto social no qual se insere, isto é, com a sua *comunidade hermenêutica* (Chartier, 2001).

Quanto a Certeau (2014), também historiador, esse caracteriza a leitura como relação anticonformista, quer dizer, como produção simbólica que, mesmo silenciosa e transitória, soma esforços contra a dominação socialmente representada pelo mundo dos textos. Isso porque, para o autor, a leitura decorre de *táticas*, que são movimentos irregulares, discretos e não programados com os quais o cotidiano é formado e dinamizado. Em uma sociedade em que as instituições e a própria cultura – vista como sistema normativo – atuam como cerceadoras de experiências humanas, a leitura permite que o sujeito insinue “as astúcias do prazer e de

uma reapropriação no texto do outro”, produzindo um “mundo diferente [...] no lugar do autor” (Certeau, 2014, p. 47-48). Com isso, é por compreender o aspecto significativo e transgressor da leitura que Certeau (2014, p. 240) afirma que “ler é peregrinar por um sistema imposto”, um “lugar onde se entra e de onde se sai à vontade” (Certeau, 2014, p. 245), garantindo protagonismo e liberdade, mesmo em ambientes socialmente regulados, vigiados e punitivos.

A fundamentação da leitura provocada se completa com as contribuições de Dumont (2020), nas pesquisas sobre a ação leitora no campo da Ciência da Informação, e de Jodelet (2009), no tratamento antropológico dado às representações sociais no âmbito da Psicologia Social. Com relação à Dumont (2020), a leitura é compreendida por essa estudiosa como uma ação subjetiva e, ao mesmo tempo, intersubjetiva que “instiga questionamentos e induz a outras leituras, que vão se modificando, se complementando e interagindo, transformando a ação de ler em um ato verdadeiramente significativo” (Dumont, 2020, p. 22). Pela leitura – que envolve a dinâmica constituída pelo contexto social, assim como pelas motivações pessoais e significados que os leitores atribuem aos textos –, seriam compartilhados conhecimentos de diferentes ordens, notadamente os ligados ao senso comum, cuja natureza é cotidiana. Desse modo, a experiência leitora seria aquela a permitir que sujeitos quaisquer transcendam o texto e ponham em prática as “várias possibilidades para o seu uso e interpretação” (Dumont, 2020, p. 32), manifestando o protagonismo leitor.

Sobre Jodelet (2009), embora a autora não trate dos estudos de leitura, ao adensar a proposta de Moscovici (2015) acerca das constituições de familiaridade pelos agrupamentos sociais, ela evidencia aspectos da subjetividade e dos vínculos contextuais que, em diálogo, promovem as relações significantes. Para Jodelet (2009, p. 695), as produções simbólicas não seguem esquemas solitários, mas uma composição trina que reúne conflitos de *subjetividade* – em que “não há pensamento descarnado” –, de *intersubjetividade* – em que não há “indivíduo isolado” – e de *transubjetividade* – em que existe “um espaço social e público” a mediar as intera-

ções e a sugerir as inscrições dos sujeitos. Por consequência, isso amplia o debate referente ao “lugar reservado ao sujeito” (Jodelet, 2009, p. 680) nas representações sociais, o que acrescenta profundidade às teorias dos pensadores e pensadora refletidos nesta seção, pelos quais os leitores são pessoas comuns a desempenharem vários papéis, em inúmeras situações, e a extraírem significados dos textos e do mundo a partir dessas experiências plurais.

Portanto, tem-se esses autores e autoras e seus conceitos como os pilares teóricos mobilizados para dar prumo à prática da leitura provocada na pesquisa: uma estratégia que procurou priorizar a perspectiva das pessoas camponesas, seus contextos e motivações, de maneira a produzir sentidos pesquisáveis. Além disso, as intenções codificadas materialmente pelo jornal – informações editorialmente processadas para causar efeitos – não foram ignoradas, tomando-se proveito dessas e dos recursos imagéticos, como fotografias e tipografias, por exemplo, que marcam a estética e a abordagem dos cadernos especiais estudados. Essas questões, além do percurso metodológico da operação, serão descritas e analisadas a seguir.

### **3 OPERACIONALIZAÇÃO DA LEITURA PROVOCADA**

Pela seção anterior, assume-se a leitura provocada alinhada às seguintes sentenças: (i) leitura como produção de sentidos ou informações; (ii) leitura como relação de mundo; (iii) leitura como objetivação e apropriação; e (iv) leitura como transgressão simbólica. Além de buscar agregar tais compreensões, o desafio da operacionalização procurou contemplar as particularidades que, segundo Sá (1998), devem ser observadas nos estudos de representações sociais. Em suma, esse autor afirma que as representações, ao serem estudadas, passam por um processo de cientificidade que as transforma de fenômeno cotidiano, fruto de relações do senso comum, para objeto que “não constitui uma réplica do fenômeno, mas uma aproximação ditada pelas possibilidades e limitações da prática da pesquisa científica” (Sá, 1998, p. 15).

Portanto, tem-se em mente que o fenômeno é submetido às interferências do “universo reificado da ciência” (Sá, 1998, p. 22), concretizado pelo rigor metodológico. Seguindo essa lógica – e tomando o pressuposto de Certeau (2014) –, a leitura provocada não deve ser confundida como *tática*, posto ser uma *estratégia* planejada e conduzida para a finalidade da pesquisa. Por isso, não se trata da mesma experiência leitora que os sujeitos provavelmente teriam caso não estivessem participando do estudo, mas de uma aproximação típica das explorações qualitativas (Minayo, 2012): uma *provocação* à qual os camponeses do grupo foram esclarecidos e convidados a interagir, respeitando as liberdades de recusa e desistência de qualquer um e a qualquer tempo<sup>1</sup>. Buscou-se, pois, nessa ação, dar centralidade às pessoas pesquisadas, respeitando as apropriações ou produções de sentido mediadas pelas leituras que fizeram, bem como a forma como se posicionaram em relação ao próprio estudo – proposta que, em especial, vai ao encontro das orientações de Dumont (2020) e Jodelet (2009) –, sem também ignorar os efeitos da intervenção da própria pesquisa e do pesquisador quanto à seleção do grupo e dos materiais lidos pelo grupo e, decorrente a isso, a mobilização das representações sociais que, enfim, foram analisadas pela tese, resguardando o compromisso ético do estudo.

1

No decorrer da empiria, houve a desistência de uma pessoa que integraria o grupo leitor. A decisão dela foi acatada e, em seu lugar, foi recrutado outro sujeito, de perfil semelhante. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais, à qual os pesquisadores estão vinculados, recebendo uma via desse documento assinada pelo doutorando. Esse documento prevê tal ação de desistência, deixando o participante livre para decidir.

Assim, na interação objetivada à pesquisa de doutorado, foram selecionados e investigados dois núcleos que, a despeito das diferenças contextuais, em prática se mostraram convergentes, seja porque, em determinados momentos, ambos empreenderam representações similares sobre o Semiárido, seja por causa dos reconhecimentos processados pelos camponeses com os cadernos especiais. Para a primeira situação ou núcleo – que diz respeito ao ambiente de produção dos cadernos especiais de O Povo –, foram consideradas as publicações sobre o Semiárido cearense e seus sujeitos realizadas em formato impresso durante o tempo de operação da editoria, ou seja, entre 1998 e 2020, que somam 35 cadernos especiais,

em que as edições menos volumosas possuem oito páginas e a maior, 20 páginas. Na intenção de não descaracterizar o formato padrão dos cadernos e de oferecer meios pragmáticos para que a leitura e as entrevistas ligadas à provocação leitora acontecessem, foram selecionados quatro desses 35 cadernos, adotando-se os seguintes critérios:

- a) relacionar-se ao cotidiano dos camponeses, considerando suas ordenações culturais, a fim de estimular o interesse pela leitura, submetendo a pretensa objetividade produzida pela editoria ao crivo dos que a vivenciam no dia a dia, favorecendo negociações de sentido, criticidade e tensionamento de relações informacionais e representacionais;
- b) enfatizar a fase estruturada da editoria, que compreende o período entre 2007 e 2019, pois se entende que é nesse momento que a produção dos cadernos sobre o Semiárido cearense passou a ser sistematizada, adquirindo direcionamentos que regulavam como as representações sociais sobre o sertão e os sertanejos deveriam ser trabalhadas<sup>2</sup>;
- c) diversificar a amostra quanto ao conteúdo e assunto, evitando induzir interpretações acerca do jornal e sua equipe, priorizando as publicações com data mais recente.

**2** Conforme indicou a pesquisa de tese, é possível organizar a produção da editoria dos cadernos especiais de O Povo em três fases: a dos recrutamentos (1998-2006), a da profusão simbólica (2007-2019) e a da desarticulação do núcleo responsável (2019-2020); sendo a segunda fase a que exerceu maior impacto na história dessa produção.

As capas dos quatro cadernos especiais, intencionalmente escolhidos para compor a amostra disponibilizada ao grupo leitor estudado, podem ser visualizadas pela figura 1. Sobre as representações sociais materializadas no todo dessa produção de perfil antropológico do jornal, percebe-se que a maioria dos 35 cadernos aborda o Semiárido como um local não apenas geográfico, mas cultural, atravessado por extremos, a saber: ora como um território demarcado pela estiagem prolongada e pela negligência do poder público, ora como um espaço possível à convivência

(tal como os camponeses pesquisados acreditam), dotado de riquezas naturais e humanas. Quanto às representações acerca dos sujeitos pertencentes a esse Semiárido, eles são identificados pela equipe do periódico como heróis resignados, por vezes vítimas da seca e de outros tipos de violência; e, em outras edições de cadernos, como pessoas capazes de se reinventarem por meio da fé e das práticas de subsistência desenvolvidas no sertão.

Figura 1 – Capas dos cadernos especiais selecionados para a pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisa.

O primeiro caderno, *Documento BR: histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais*, foi publicado em 17 de dezembro de 2006 e possui 12 páginas. Traz relatos de vítimas dessa violência, denunciando a participação de policiais, profissionais do transporte de cargas e comerciantes em pontos localizados próximos a rodovias que cruzam o Estado do Ceará. O caderno data do mesmo ano em que o governo federal lançou uma campanha de combate à exploração sexual, resultando de um prêmio conquistado pelo jornal, promovido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) e pelo Instituto WCF-Brasil. Sua escolha foi motivada por tratar de uma questão sensível ao contexto local, assim como pela maneira como a editoria objetivou as vítimas da exploração nas reportagens, utilizando-se, em determinados momentos, de termos depreciativos, apesar do enfoque social. Além disso, pela possibilidade de despertar críticas e estranhamentos nos camponeses, devido à temática sexual abordada e às questões de gênero que povoam o tema, já que a região apresenta casos de machismo e demais formas de desabono e exclusão a mulheres do campo.

O segundo caderno, *Os quinze: capítulo 1*, foi publicado em 18 de agosto de 2015 e possui dez páginas. Integra uma série de reportagens especiais chamada *Peleja pela água*, lançada entre 2012 e 2017, que trata da estiagem prolongada que acometeu o Ceará nesse período. O título faz menção ao romance de Raquel de Queiroz, *O quinze*, que completava 100 anos na ocasião. Traz histórias de pequenos produtores que conseguiram se adaptar ao regime de escassez de água. O motivo da escolha se deu por tratar de práticas e saberes compartilhados entre os camponeses estudados, no que tange aos modos de convivência com o Semiárido e à condução da agricultura familiar, de maneira que, dentre os quatro cadernos da amostra, esse é o que mais se aproxima dos preceitos cultivados pelos camponeses em seu dia a dia. O volume dois, que continua esse caderno, foi lançado na semana seguinte e traz mais exemplos desse modo de convivência com a seca, completando a temática trabalhada pelo jornal.

O terceiro caderno, *A seca que matou os peixes*, de 30 de agosto de 2016, e o

quarto caderno, *A premência pela água*, de 13 de outubro de 2017, também estão inseridos na série *Peleja da água*. Com 12 páginas, *A seca que matou os peixes* (2016) trata dos efeitos resultantes da estiagem que atingiu os açudes cearenses, com relatos colhidos de sujeitos, entre pequenos pescadores e médios empresários, prejudicados pela situação. Quanto ao caderno *A premência pela água* (2017), com oito páginas, esse denuncia os atrasos de construção e entrega da obra *Cinturão das Águas do Ceará* – um projeto de aproximadamente 1.200 km de extensão, que interliga o eixo norte do canal da transposição do rio São Francisco, localizado na fronteira sul do Estado do Ceará, à Região Metropolitana de Fortaleza, litoral, e que deveria abastecer emergencialmente a capital nesse período de estiagem prolongada. O caderno *A seca que matou os peixes* (2016) foi escolhido por evocar a imagem da seca como calamidade pública; e *A premência pela água* (2017), por tratar de aspectos político-ideológicos em torno da pretensa vontade do Estado em sanar o suposto problema da seca – duas temáticas que, a princípio, se contrapõem às ordenações e representações sociais dos camponeses sobre o sertão e a seca.

Sobre o recorte relacionado ao segundo núcleo da pesquisa – o dos camponeses –, deu-se pelo processo de recrutamento das pessoas para compor o grupo leitor. Essa ação exigiu primeiramente conhecer o contexto camponês – algo que norteou a seleção dos quatro cadernos especiais e que se deu por imersão etnográfica junto à Escola Família Agrícola Dom Fragoso (EFA Dom Fragoso), localizada na zona rural de Independência (município que foi selecionado também por motivos pragmáticos, como o fácil acesso e a presença de parentes do pesquisador, que constituíram uma rede de apoio à condução da pesquisa). A escola e sua comunidade de entorno foram escolhidas devido ao papel agregador e formativo que a instituição EFA Dom Fragoso exerce em vários municípios pertencentes aos sertões de Crateús, Inhamuns e Central.

A EFA Dom Fragoso contribui com o fortalecimento da cultura de convivência com o Semiárido na região<sup>3</sup>, e suas bases

3

A importância da cultura de convivência com o Semiárido se justifica neste estudo porque “o objeto [...] deve] ter suficiente [...] ‘espessura social’” (Sá, 1998, p. 45), assumindo a forma de “um saber efetivamente praticado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram sistematicamente” (Sá, 1998, p. 50).

e origem estão no trabalho sociopolítico realizado pela Diocese de Crateús em parceria com movimentos populares e sindicais de Independência e redondezas. Oficialmente inscrita como uma escola de ensino médio, a EFA se particulariza pela educação contextualizada no campo, sendo reconhecida por onde atua como *uma escola formada por camponeses para camponeses*. Em sua proposta didática, além da parte técnica ligada às práticas de cultivo adaptadas ao Semiárido, estimula nos educandos, em suas famílias e nas comunidades locais a consciência crítica acerca do meio em que vivem, colaborando com a permanência dessas pessoas na região de modo ecologicamente sustentável e socialmente solidário, embora esses direcionamentos não anulem os problemas da região, como os paradoxos inscritos nas comunidades rurais, que disseminam estereótipos e preconceitos que acabam desabonando si mesmas e contribuindo com a dominação histórica do campo.

A partir do contato com a comunidade ligada à EFA Dom Frágoso, outros ambientes e sujeitos puderam ser contemplados na pesquisa, diversificando o grupo leitor: dez pessoas de perfis variados, desde um jovem locutor da rádio local até uma senhora idosa, produtora rural. A despeito das diferenças<sup>4</sup>, o grupo apresenta o que Jovchelovitch (2008) chama de *referencial comum* – fator essencial para a estruturação de uma comunidade. No caso, essa comunidade não está delimitada por fronteiras físicas, mas simbólicas, que orbitam em torno do modo de vida camponês ordenado pela cultura da convivência com o Semiárido cearense, o que permite caracterizar as pessoas do grupo leitor como representantes de uma comunidade rural camponesa. O quadro a seguir sintetiza o perfil das pessoas recrutadas, cujos nomes reais foram substituídos por fictícios em respeito ao anonimato da pesquisa, exigido no TCLE assinado por elas. Em seguida, são apresentados os critérios utilizados para o recrutamento dessas pessoas do campo, que teve início pelas indicações colhidas na imersão junto à EFA Dom Frágoso.

4

Conforme o Quadro 1, as idades das pessoas do grupo variam entre 26 e 83 anos, sendo cinco do sexo masculino e cinco do feminino. Sete pessoas residem em Independência, uma em Crateús, uma em Quixeramobim e uma em Choró. Quanto às ocupações, há duas pessoas educadoras e duas educandas da EFA Dom Frágoso, duas radialistas, uma produtora rural, uma líder sindical, uma aposentada e uma leiga – agente paroquial não ordenado pela Igreja.

Quadro 1 – Perfil dos dez integrantes do grupo leitor da pesquisa

Participante	Descrição
<b>Fátima</b>	38 anos, solteira, possui dois filhos, educadora na EFA Dom Fragoso, mora na localidade São Jerônimo – Independência/CE.
<b>Cícero</b>	32 anos, solteiro, não possui filhos, educador na EFA Dom Fragoso, mora no assentamento Dom Fragoso – Crateús/CE.
<b>Francisca</b>	38 anos, solteira, possui um filho, educanda na EFA Dom Fragoso, mora na localidade Lagoa de São Miguel – Quixeramobim/CE.
<b>Antônio</b>	27 anos, solteiro, não possui filho, educando na EFA Dom Fragoso, mora em uma localidade rural de Choró/CE.
<b>Lurdes</b>	83 anos, viúva, possui um filho e duas netas, animadora cultural, mora na localidade Santa Luzia – Independência/CE.
<b>Assis</b>	51 anos, solteiro, não possui filho, delegado sindical, mora na localidade Santa Luzia – Independência/CE.
<b>Rita</b>	57 anos, divorciada, possui dois filhos, comunicadora na Rádio Comunitária de Independência, mora na sede de Independência/CE.
<b>Josias</b>	26 anos, solteiro, não possui filhos, comunicador na Rádio Comunitária de Independência, mora na sede de Independência/CE.
<b>Benigna</b>	78 anos, viúva, possui oito filhos e vários netos, ministra da eucaristia da Paróquia Senhora Sant'Anna (Igreja matriz de Independência, pertencente à Diocese de Crateús), mora na sede de Independência/CE.
<b>Clemente</b>	51 anos, solteiro, não possui filho, leigo da Paróquia Senhora Sant'Anna, mora na sede de Independência/CE.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sobre os critérios de recrutamento utilizados, o propenso integrante do grupo deveria:

- a) identificar-se como camponês, participante da cultura de convivência com o Semiárido local, devido à relevância que o fator gregário e ordenador possui para o fenômeno das representações sociais, assim como para o conceito antropológico de leitura. Tal condição vem da exploração empírica realizada na EFA Dom Fragoso e da intenção de manter a ancoragem na comunidade, pois todos se identificam como camponeses, independentemente da ocupação profissional. Manter essa relação foi também uma forma de confrontar o estereótipo que objetiva negativamente os sujeitos inseridos no campo, evitando que a pesquisa reproduzisse esse tipo de artimanha excludente;

- b) saber ler, não importando a proficiência nem a escolaridade do sujeito, tendo em vista a abordagem do estudo, em que a ação leitora e o sujeito leitor não são tratados como abstrações ou idealizações, mas como encarnações sociais cotidianas;
- c) ser maior de 18 anos, em conformidade com o quesito aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais e disponível no TCLE;
- d) ter interesse e disponibilidade em participar dos processos da pesquisa, condição atestada pela assinatura do TCLE;
- e) preferencialmente desconhecer os cadernos especiais estudados, porque, embora não fosse decisória, a não familiaridade do sujeito com os materiais geraria dados relevantes à análise das representações advindas dos atos de leitura, tendo em vista que representar socialmente envolve a constituição de familiaridades indicativas de posicionamentos atrelados a modos de vida, que são a base das representações sociais<sup>5</sup>.

5

De acordo com Moscovici (2015), as representações sociais resultam do processo de tornar familiar o que não é familiar, uma ação condicionada à experiência social e cultural dos sujeitos que se revelou na leitura deles.

Vale ressaltar que, por causa das dinâmicas locais, agravadas pelo período de chuvas no Ceará, que pioraram a situação das estradas rurais e restringiram acessos durante a empiria, a seleção das pessoas camponesas foi paulatino: aconteceu durante a imersão etnográfica, e as indicações recebidas dos membros da comunidade ligada à EFA Dom Frágoso foram submetidas aos critérios do recrutamento. Paulatina também foi a aplicação da leitura provocada, devido aos fatores citados. Sua condução envolveu três encontros realizados individualmente com o auxílio de entrevistas semiestruturadas, como sintetizado a seguir:

- a) primeiro encontro – contemplou entrevista introdutória sobre a ligação do entrevistado com o contexto representado pela EFA Dom Frágoso, as caracterizações que ele articula sobre o Semiárido, a alteridade camponesa e a mídia e seus gostos pessoais de leitura. Após a entrevista,

► MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO SOCIAL  
mediante o aceite em participar das outras etapas do processo, foram disponibilizados de forma conjunta os cadernos Documento BR (2006), Os quinze (2015) e A seca que matou os peixes (2016), combinando um prazo flexível de retorno, referente ao segundo encontro da pesquisa. Esse prazo variou segundo a disponibilidade de cada participante, em seus afazeres diários, ritmos de leitura e segurança para falar;

- b) segundo encontro – entrevista focada na experiência em torno dos três cadernos lidos, com relato livre sobre a experiência, preferências tidas entre os cadernos e seus motivos, sensações e lembranças despertadas pela leitura, prováveis mudanças de pensamento ou opinião, críticas e julgamentos ao conteúdo e reconhecimento com o material. Ao final do encontro, foi disponibilizado o caderno A premência pela água (2017) e combinado outro prazo flexível de retorno, nos moldes do primeiro encontro;
- c) terceiro encontro – enfoque na experiência leitora do último caderno, com roteiro de entrevista similar ao do segundo encontro, comparando essa experiência com a anterior, bem como os quatro cadernos entre si, seus temas e representações mobilizadas.

A forma como os quatro cadernos especiais foram disponibilizados ao grupo teve como motivação a diferença quanto à natureza dos enfoques dados pela editoria. Embora o Semiárido cearense esteja representado sob óticas diferentes nos três primeiros cadernos – pela da violência, pela da convivência com a seca e pela da tragédia da seca, respectivamente –, o aspecto social está ressaltado nos três materiais, com histórias de vida, fotografias humanizadas, letras de estilo manuscrito, ilustrações lúdicas etc. O contrário acontece com o quarto caderno, cujo enfoque é político e estão priorizadas imagens da construção do canal da transposição do rio, levantamentos técnicos, cores sóbrias, letras de aspecto sisudo e infográficos detalhados.

Diante disso, a estratégia de dividir os cadernos nos encontros consistiu em saber primeiramente como as pessoas se comportariam com os materiais aparentemente mais suscetíveis ao gosto delas, por enfatizarem o aspecto humano, para

comparar essa experiência com a leitura de um caderno que, apesar do tema ser igualmente sensível a elas – pois o grupo criticava o poder público nas entrevistas –, tratava-se de uma publicação que tanto era mais “séria” ou “fria” em relação às anteriores, como parecia exaltar o projeto da transposição do rio São Francisco e do Cinturão das Águas – outro assunto polêmico para a comunidade camponesa estudada, que acusa o Estado de intervir, por meio de obras como essas, nos ecossistemas locais, além de privilegiarem setores poderosos, como o agronegócio, ao qual se opõe com veemência.

Embora este artigo não trate das descobertas da pesquisa, mas da fundamentação e da operacionalização empíricas, pode-se dizer em linhas gerais que a provocação permitiu que as pessoas camponesas refletissem sobre si e sobre o seu entorno, considerando:

- a) as representações delas sobre o cotidiano delas;
- b) as representações delas sobre as representações mobilizadas pelo jornal por via da amostra dos cadernos;
- c) as representações delas sobre os demais tópicos abordados, como a grande mídia. Sobre o tópico “(a)”, os dados parciais indicaram que a inscrição contextual influencia o modo como os sujeitos caracterizam si mesmos e seu entorno. A crítica, estimulada cotidianamente pela Diocese de Crateús e pela EFA Dom Frágoso, conduz os sujeitos a um processo de colocação em alteridade (Jodelet, 2005) que, do ponto de vista representacional, tanto serve para agregá-los, como para excluir os considerados divergentes desse modo de vida, definindo as fronteiras simbólicas da comunidade e protegendo a identidade que elegeram para si. Nesse tópico, o Semiárido apareceu majoritariamente representado pelos camponeses como sendo um lugar de redenção associado à cultura da convivência, estando o caderno *Os quinze* (2015), para os leitores, a ocupar uma posição emblemática nessa relação dentro a amostra lida.

No que se refere ao tópico “(b)”, é possível dizer que a inscrição contextual também ressoou nas leituras realizadas, embora não tenha esgotado o potencial frutivo e improvável de cada indivíduo em sua subjetividade. Alguns participantes construíram narrativas ancoradas nas ordenações da comunidade, interligando os temas dos três primeiros cadernos da seguinte maneira: a pessoa do meio rural, que valoriza o campo e que se articula para conviver com as condições semiáridas, está representada em *Os quinze* (2015). Já o sujeito que vive de modo contrário a essa lógica acaba sofrendo consequências, como os personagens relatados em *A seca que matou os peixes* (2016) e em *Documento BR* (2006). Nessa análise parcial, percebe-se um tipo de camponês encarnado pelo julgamento moral dos sujeitos e que diz respeito à dimensão cultural compartilhada na comunidade. Nesse tocante, *Documento BR* (2006) foi útil à proposta de despertar estranhamentos subsidiados, principalmente, por preconceitos que, embora disseminados no dia a dia, ferem princípios constituintes da própria comunidade, ao contribuírem com a objetivação negativa e normalizada de pessoas. Quanto ao caderno *A premência pela água* (2017), parte dos leitores provocados pela pesquisa contesta a ideia da transposição do rio São Francisco, criticando-a como uma obra faraônica e ilusória, e que a real solução para o problema da escassez de água no sertão estaria nos formatos de captação e armazenamento adotados pelos agricultores familiares – outra manifestação da ancoragem exercida pelos camponeses em suas leituras, condizente com o cotidiano deles e sua cultura.

Como anunciado, a pesquisa não ignorou os sentidos particulares dos sujeitos, como memórias pessoais e confusões interpretativas – muitas dessas atreladas à fatores como a idade e o sofrimento nos regimes de seca, vivenciado principalmente no passado, quando a cultura da convivência e suas práticas de subsistência não eram tão disseminadas. Foi o caso de Benigna, 78 anos, que diferente da maioria do grupo, não se reconheceu em *Os quinze* (2015), considerando que a editoria teria, como relatou, “*enfeitado muito a seca*” que, para ela, ainda medeia sabores. Também foi o caso de Lurdes, 83 anos, que, em uma das matérias de *A premência*

*pela água* (2017), interpretou a informação divulgada sobre o achado de um cemitério clandestino durante as escavações dos canais da transposição como sendo a de pessoas que morreram sem portarem qualquer documento consigo. Esse tipo de leitura particularizada se manifestou em outros participantes, como Assis, e foi analisada na pesquisa como uma ação leitora improvável ou não autorizada – frente, por exemplo, ao agenciamento manobrado pela editoria dos cadernos –, o que reforça os fundamentos da leitura provocada.

Sobre o tópico “(c)” – cujas questões foram feitas no primeiro encontro, no intuito de evitar que o contato antecipado com os cadernos influenciasse a opinião dos sujeitos –, essa talvez seja a seção que mais evidencia o contraditório presente na comunidade, bem como a dinamicidade com a qual as visões de mundo podem ser atualizadas pela leitura. Pois uma parte dos sujeitos, subsidiada pela inscrição contextual, manifestou-se previamente contra a mídia, caracterizando-a como uma instituição a serviço de poderosos. Entretanto, observou-se que essa crítica foi suavizada ao longo das leituras, no momento que os sujeitos relatavam não encontrar conteúdo estranho, falso ou exagerado sobre a realidade do campo nas matérias. Mesmo os contrários à transposição do rio São Francisco, como Fátima e Rita, afirmaram que o jornal não tomou partido pelo projeto e que forneceu informações úteis à comunidade rural, ao revelar desvios nas obras. Com isso, ainda que cada leitor tenha adotado posturas às vezes dissonantes entre si e em favor do jornal, considera-se que houve um reconhecimento negociado desses sujeitos com a amostra, na medida em que eles não praticaram uma assimilação cega ou irrestrita, mas tensionamentos e apropriações (Chartier, 2003), avaliando os cadernos mediante a formação cultural adquirida nos contextos, bem como nas experiências pessoais.

Em vista disso, pode-se afirmar que os sentidos apreendidos pelo grupo fazem referência ao contexto cultural da comunidade pesquisada, evidenciando consensos e dissensos, ou seja, as ofertas de sentido não dissociadas da complexidade diária e suas discrepâncias e contradições sociais. Além disso, as leituras praticadas pelo grupo foram do tipo analíticas, quer dizer, exercidas com criticidade e fôlego, o que

permitiu que os sujeitos demarcassem seu lugar frente às representações materializadas pelo jornal. Dialeticamente, ao fazerem isso, os sujeitos do campo também manifestavam julgamentos e preconceitos como uma forma de se protegerem e se engajarem, ressaltando o caráter aguerrido das representações sociais (Jodelet, 2005; Moscovici, 2015). Em suma, apesar das dificuldades da região – que atestam que as acusações dos camponeses contra o poder público têm razão de ser –, o grupo se mostrou motivado e interagiu significativamente com a pesquisa, cedendo gentilmente o tempo necessário, no curso de seus afazeres, para participar, recebendo sempre de bom grado o pesquisador.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vivência de uma pesquisa pode contribuir com a desmistificação do olhar, ajudando a romper preconceitos. No caso desse estudo de representações sociais e leitura, a experiência mostrou que as pessoas pesquisadas não cabem em rótulos, sejam os sistematizados pela produção midiática, em seus raios de dominação simbólica, sejam os normalizados pelo senso comum, em representações trivializadas que tanto alimentam a cultura das mídias, como seguem alimentadas por elas. A prática da pesquisa também revelou o quanto o campo – território rural e categoria empírica – é complexo, um organismo dinâmico que desafiou o fazer científico e sua intenção de configurá-lo em um conjunto de dados inteligíveis. O campo é maior que isso, assim como os sujeitos dele o são. É por isso que a pesquisa demandou um olhar sensível; é por isso que o cientista precisou se humanizar do campo que estudou.

Esses ensinamentos a que todo pesquisador pode ter acesso devem ser respeitados, ainda mais na área da Ciência da Informação, na condução acerca do fenômeno informacional de natureza social, simbólica, cultural. Isso pode auxiliar no desenvolvimento de meios que, no lugar de silenciar sujeitos e suas epistemologias, evidenciam-nos, desafiando modelos colonizadores. A centralidade na informação

social requer essa reordenação e seu compromisso metodológico, assim como as pesquisas que envolvem a leitura e o protagonismo leitor. No caso deste estudo, buscou-se priorizar os sujeitos, a forma como teceram sentidos para os materiais do jornal, para si, para o outro e para o meio onde vivem, independentemente dessas relações parecerem estranhas ao senso domesticado pelo padrão normativo da ciência.

A estratégia empírica da leitura provocada permitiu que o grupo movimentasse a espiral das representações sociais materializada nos cadernos especiais, atualizando sentidos mediados, assim como as percepções de mundo que os participantes do campo constroem diariamente para si. Sobre isso, as fronteiras entre quem está simbolicamente fora e dentro da comunidade rural foram desestabilizadas, no entanto, sem excluir o referencial comum que os sujeitos elegem para ordenar e proteger a sua identidade cultural. Observa-se que esse resultado pôde ser alcançado graças à maneira atenta como a provocação foi conduzida em campo, dialogando com as ações metodológicas que permitiram abrir caminho para a aplicação da leitura, como também com aquelas que, no ato da condução, permitiram a interação densa dos sujeitos.

A abordagem tríplice, contemplando ciclos de leitura e entrevista, a respeitar subjetividades, intersubjetividades e transubjetividades (Jodelet, 2009) do grupo, além da seleção e distribuição sistemática dos cadernos especiais, favoreceu a escuta atenta ao que as pessoas se dispuseram a *falar sobre* o que leram, estimulando a participação delas e evidenciando aspectos representacionais, informacionais, identitários e críticos que a pesquisa de tese abordou. Portanto, pode-se perceber que a leitura provocada contribuiu com o estudo de representações sociais. Até porque, enquanto fenômeno, a ação leitora manifesta a função representacional de produzir sentidos, mediar saberes, unir universos, gerar mudanças de vida.

## FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) – bolsa de doutorado.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da UFMG, pela oportunidade de desenvolver a tese; à EFA Dom Fragoso e aos camponeses que participaram do grupo leitor da pesquisa, por terem tornado possível a condução do estudo, assim como aos profissionais ligados à produção dos cadernos especiais de O Povo, que colaboraram com a investigação.

## REFERÊNCIAS

- A PREMÊNIA pela água. **O Povo**, Fortaleza, 13 out. 2017. Caderno especial. 8 p.
- A SECA que matou os peixes. **O Povo**, Fortaleza, 30 ago. 2016. Caderno especial. 12 p.
- CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. **Logeion: filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 110-136, ago./fev. 2014. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2014v1n1.p110-136>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier [...]. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- CHARTIER, R. **Formas e sentido cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2003.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/3AB6fBx>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- DOCUMENTO BR: histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais. **O Povo**, Fortaleza, 17 dez. 2006. Caderno especial. 12 p.
- DUMONT, L. M. M. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, L. M. M. (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. p. 21-52.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- GIRARDI JÚNIOR, L. **A reportagem como experiência etnográfica**. Anuário de Jornalismo, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 198-213, 2000.

ISER, W. A interação do texto com o leitor. *In*: LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 83-132.

JAUSS, H. R. A estética da recepção: colocações gerais. *In*: LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43-61.

JODELET, D. Formes et figures de l'altérité. *In*: SANCHEZ-MAZAS, M.; LICATA, L. **L'Autre**: regards psychosociaux. Grenoble: Les Presses de l'Université de Grenoble, 2005. p. 23-47.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009. Disponível em: <http://bit.ly/4cx9wEt>. Acesso em: 30 mar. 2024.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, L. C. (org.). **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARTINS, A. A. L. **Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da Ciência da Informação**: uma análise a partir da Marcha das Vadias. Orientadora: Alcenir Soares dos Reis. 2015. 175 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

MENDONÇA, I. L.; DUMONT, L. M. M. Leitura como estratégia metodológica em um estudo de representações sociais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS, 2023, p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/45vOH8Y>. Acesso em: 17 jun. 2024.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 11. ed. Petrópolis: Vozes: 2015.

OS QUINZES: capítulo 1. **O Povo**, Fortaleza, 18 ago. 2015. Caderno especial. 10 p.

PERDIGÃO, J. A. **Informação simbólica, representações sociais e identidade**: confronto de sentidos nas narrativas que (in)formam as mulheres de Noiva de Cordeiro. Orientador: Fabrício José Nascimento da Silveira. 2021. 237 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2020.